



# **Memorial Acadêmico Descritivo**

Ellen Aparecida Santos

Belo Horizonte-MG

2021

## **Memorial Acadêmico Descritivo**

Apresentado à Universidade de Uberaba  
requisito para conclusão do  
curso de Bacharelado em Química

Orientador: Professor Wilson de Sousa Benjamim

Belo Horizonte-MG

2021

**Este trabalho é dedicado:**

**À memória de minha mãe Helena e ao apoio e incentivo de meu pai,  
responsáveis pelos meus maiores aprendizados e amor incondicional que  
ultrapassam qualquer estado de vida.**

**Agradecimentos:**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e forças para seguir nessa trilha, em alguns momentos não foi fácil e várias vezes pensei em desistir. Ao meu filho pela paciência, pois muitas vezes ficou sem o jantar para a mamãe estudar, e sem a atenção que um filho necessita e precisa. Aos meus familiares em especial meu pai e minha irmã que lidaram com meu cansaço e com meu mau humor, devido à jornada diária e exaustiva de minha perseverança.

Agradeço de coração às amigas que se fizeram presentes me ajudando, ensinando e dando apoio para prosseguir. Aretha Andrade e Bruna Santos...obrigado por tanto carinho e paciência !!

***A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.***

***(Nelson Mandela)***

## Sumário

1. Objetivo	7
2. Introdução	7
3. Desenvolvimento	9
4. Considerações Finais	15
5. Referências Bibliográficas	18

## **1. Objetivo:**

O objetivo desse trabalho é mostrar um pouco da “pessoa”, Ellen, que hoje tem várias faces, uma delas é a principal, que vamos nos aprofundar, destacar é a “pessoa” Profissional. Quem ela foi, quem ela é e como está se transformando no decorrer dos estudos e da sua vida profissional. As dificuldades que encontrei e enfrentei, e enfrento todos os dias em busca da realização desse sonho que é a Graduação.

## **2. Introdução:**

Bom! Acho que vocês já sabem agora quem eu sou. Me chamo Ellen Aparecida Santos, tenho 46 anos, sou mineira da gema, nasci e cresci em Belo Horizonte. Nasci em uma noite de verão chuvosa, pois sou do mês de Dezembro época de chuvas. Coitada da minha mãe que achou que eu seria um presente de Natal, teve o seu natal antecipado e embaixo de chuva.

Acho que nada saiu como nos planos dela, ainda tive icterícia uma coisa que a 46 anos atrás era como um bebê prematuro(correndo risco de vida), aí vocês me perguntam porque ela está citando isso. Porque daí surgiu meu segundo nome, fruto de uma promessa a Nossa Senhora Aparecida.

No final tudo ficou bem e o bebê sobreviveu, tenho apenas uma irmã, 4 anos mais nova. Tenho um filho maravilhoso de 15 anos, e dois sobrinhos (uma menina sapeca e um rapazinho que é um ano mais velho que meu filho), meu velho pai(hoje com 69 anos) e minha mãe, que infelizmente já não está mais conosco neste plano.

Infelizmente não desfrutei de brincar na terra. Quando dava brincávamos na pracinha. Sou uma garota da cidade e o contato que tínhamos com a terra era quando viajávamos para casa de minha avó em Itabira, aí sim brincávamos com os primos no quintal em meio a pés de ameixa, bananeiras, laranjeiras para nós da cidade grande, como meus primos diziam, aquilo era o paraíso. No final da tarde, quando entrávamos em casa para tomar banho éramos pura terra preta de minério. O café coado no coador de pano bem ralinho nas canequinhas esmaltadas que eu adorava, hoje não dá..rsss eu hoje gosto do meu café bem forte. As bananas assadas na trempe do fogão a lenha, e os biscoitinhos da vovó trazem saudades.

Posso dizer que eu e minha irmã não tivemos uma infância muito fácil. Me lembro mais de que quando estava com 8 anos de idade minha mãe teve que se submeter a uma cirurgia na coluna, e isso realmente mudou a nossa vida. Foram momentos muito difíceis, pois, ficávamos aos cuidados de parentes que às vezes achavam que éramos mais um fardo em suas rotinas e lidar com a distância da mãe. Hoje adulta, com um filho e toda uma rotina pesada não julgo e nem guardo mágoas. Posso dizer que a nossa vida foi uma ironia do destino, quando melhorávamos financeiramente, com uma casa muito maior e melhor com direito a piscina e outros confortos tivemos que lidar com a nossa nova realidade. A saúde comprometida de minha mãe. Depois desse período turbulento e de readaptação de nossas vidas, com o retorno de minha mãe em casa, após um longo processo entre hospitais e muita fisioterapia. Mesmo sem andar e em uma cadeira de rodas sempre foi ativa, otimista, alegre.

Mais tenho certeza que a vida é como tem que ser, ninguém passa por nada em vão, de tudo tiramos uma lição, aprendemos e crescemos com isso. E eu vou te falar o que mais me motiva e orgulha, esse ano faz dez anos que minha mãe faleceu mais eu nunca vi uma pessoa, que mesmo depois de tudo que passou, nunca se lamentou. Não me lembro de vê-la maldizer ou amaldiçoar, lamentar pela vida ou pelo que aconteceu. Sempre trabalhando, cuidando da casa e família, cozinhando, fazendo seus artesanatos. Aprendendo coisas novas, criando e sempre se atualizando com revistas e ganhando seu próprio dinheirinho. Com certeza ela é a heroína da minha história, uma das fontes de força, inspiração, modelo de superação para agora eu estar escrevendo este trabalho de conclusão de curso.

Cheguei a adolescência, onde a gente acha que tudo vai ser diferente os sonhos de independência, planos para uma festa de quinze anos, só maravilhas. Festa que no caso da minha tenho que contar aqui; se eu fosse uma pessoa pilhada teria que fazer terapia devido a minha festa de quinze anos. Com certeza foi um evento marcante, chovia horrores no dia. Pedi para minha avó fazer o bolo que seria de dois andares, decorado com uma linda orquídea branca. Só que pedi que o bolo fosse bem molhado, e ele foi rsss. Tanto que desabou quase na hora do início da festa. Fizeram uma gambiarra e assaram um bolo numa forma de furo redondo e rechearam com os destroços do falecido, bastante glacê e tínhamos um bolo que jamais foi servido ou comido de tanto açúcar. Mais um fato marcante, a maioria dos

convidados não foram por causa da chuva e para fechar a noite com chave de ouro, descobrimos que depois todas as fotos desse evento tão esperado, não existiam. Pois a câmera que na época não era digital, e tinha um rolo de filme que não podia ser exposto a luz estava tampada. Acho difícil alguém ter tido uma festa tão marcante quanto a minha. De volta à realidade, achar que quando tivermos dezoito vamos ser independentes...sair e voltar o horário que quisermos, ir ao cinema ver filmes que por causa da idade que não nos permitiam, tirar carteira de motorista, morar em um apartamento com uma amiga. Doce ilusão, sinto te dizer, que nada disso aconteceu aos dezoito.

Mais eu curti minha adolescência, ir para a escola se achando a última bala chita do pacote. Só se achando mesmo, namorados nada. Mais tinha uma melhor amiga com quem podia compartilhar as paixões desse período. Ficávamos sentadas no passeio falando dos garotos que gostávamos e dividindo nossos problemas de família e às vezes ficávamos até tarde estudando matemática.

E agora realmente estou fazendo algo por mim, profissionalmente falando. Acho que nunca é tarde para se aprender algo, seja lá o que for. Se alguém já fez algo, com certeza você também pode fazer. E se for a primeira pessoa a fazer, ainda melhor. Pode criar ao seu jeito e ao seu estilo. Expirar pessoas a criar e reinventar.

### **3. Desenvolvimento:**

Fiz toda pré-escola em uma escola que era parte de uma igreja adventista do lado de onde eu morava. Foi uma escola criada como forma de cooperação aos membros da igreja. Nós não fazíamos parte, mais como vizinhos e amigos de longa data acho que ofereceram aos meus pais e tios(pois meu primo também foi pra mesma escola) a oportunidade de estudar lá. Era particular e ao lado de casa, acho que meus pais pensaram, tudo de bom! Só que a filha dos donos da escola nossos vizinhos, que na verdade era a responsável pela escola ainda estava cursando o magistério. E quando estávamos finalizando o pré-primário descobriram que a escola ainda não tinha registro, pois a responsável ainda finalizava seus estudos.

Então nossos pais procuraram outra escola no intuito de saber como proceder. Teríamos que cursar o pré-primário novamente?

Foi então que a diretora da escola Estadual Amélia de Castro Monteiro, mais próxima de nossa casa sugeriu que fizéssemos um teste de pro-eficiência e se já

estivéssemos alfabetizados como a média das crianças que ingressam na primeira série, nos aceitaria no primeiro ano do fundamental. Deu certo, fomos bem, eu e um primo e ficamos com essa vantagem de um ano adiantado na escola, éramos sempre os caçulinhas da turma. Estudei lá no primeiro e segundo ano, depois me mudei e fui para a escola Estadual Ministro Miguel Mendonça onde cursei o terceiro e quarto ano. Um bairro novo em crescimento, uma escola nova e pobre perto das outras duas que eu já tinha estudado. Essa escola era mais deficiente, carente em vários pontos; da anterior também estadual que eu havia estudado. Muitas crianças sem o material básico, hoje penso que na época eu tinha luxo, o estojo cheio de divisórias e glitter, as caixas de lápis de cores com vinte quatro cores. Gente vocês podem até achar graça mais isso era um luxo e as canetas de quatro cores só quem viveu essa época vai entender.

Agora escrevendo isso, estou aqui pensando que mesmo com todas as dificuldades a vida sempre me agraciou de alguma forma. Deus sempre cuidou de mim...

Essa escola só oferecia até a quarta série do ensino fundamental, então fui para o Colégio Estadual Presidente Tancredo Neves no bairro vizinho, onde cursei da quinta a oitava série. Ai já éramos adolescentes, era momento de transição física, sexual(hormônios, espinhas a primeira menstruação)..rssss

Faz parte, a gente viveu a época das músicas "New Wave". De músicas que a gente dançava agitadas ou música lenta, elas tinham letra que contavam uma história. Ai era o máximo as festas na escola, o primeiro beijo. Muitas lembranças! Falando sério, sempre fui boa aluna. Nunca tomei uma recuperação e agora me lembrei das aulas que hoje as escolas já não oferecem mais, como Ensino Religioso e Educação Moral e Cívica. Acho que dar aula de Educação Moral e Cívica hoje em dia seria bem tenso. Infelizmente nosso país não enfrenta mais uma vez um dos melhores momentos. E o Ensino Religioso, lembro-me do professor Tarcísio que conseguia chamar e prender nossa atenção nas aulas. Muitos conceitos mudaram e acho que seria conflituoso demais conseguir delinear religião, sem que os pais confundam que é apenas um fundamento e que a escola não está doutrinando seu filho. Talvez por isso estas matérias tenham saído da grade curricular.

Para concluir, terminei meu ensino médio com boas notas e nenhuma intercorrência que me desabone.

Comecei a trabalhar cedo aos 16 anos, em uma loja de armarinhos (utilidades presentes, aviamentos) no meu bairro mesmo. Foi meio complicado na época, pois depois de tudo que passamos na nossa infância e pensávamos viver uma vidinha tranqüila, tivemos que lidar com problemas financeiros muito graves.

Mais hoje acho que isso fez toda diferença na formação da minha personalidade.

Eu tinha acabado de começar meu segundo grau em uma escola particular para poder fazer meu curso técnico em química, e então comecei a trabalhar na parte da tarde para ajudar com algumas despesas da casa, mais tarde já no segundo ano trabalhava durante o dia e fui estudar a noite. Tive que fazer isso para poder continuar meus estudos, minha sorte foi que o curso técnico começou a me abrir portas. Consegui um bom estágio remunerado dentro da Companhia Vale em uma das suas subsidiárias(Doce Geo)Rio Doce Geologia e Mineração. A partir desse ponto as coisas começaram a melhorar(e muito) financeiramente falando, com um bom salário e tickets alimentação eu pude como estagiária começar a melhorar as coisas em casa.

Dificuldades diversas eu encontrei academicamente falando no decorrer do meu curso técnico, pois, estudei todo meu ensino fundamental em escolas públicas e a gente sabe que infelizmente a diferença de conteúdo em matérias básicas existem e de forma gritante. Recuperação foram quatro no primeiro ano, o que me dou o desconto, pois, tive os percalços financeiros que de uma forma ou de outra me afetaram emocionalmente. No segundo ano três recuperações, pois, trabalhava(estágio) o dia inteiro e estudar a noite foi bem complicado e o deslocamento era deveras cansativo. No terceiro e no quarto ano as coisas já deram certo, acho que de certa forma a vida já tinha me endurecido um pouco e eu já conseguia conciliar o trabalho e a escola.

Mais com toda essa correria e dificuldades meu curso técnico foi muito bom, fiz amizades que fazem parte da minha vida até hoje. Lembro de um barzinho onde comíamos uma coxinha imensa com catupiry depois de chegarmos a maioria do serviço, direto pra escola, eram alguns minutos não lembro ao certo quanto tempo. Mais era muito bom a gente comia, dava risadas de uma bobeira ou outra. Falávamos do de nossas rotinas, coisas que aprendíamos no estágio(eu fazia

estágio na área de mineração), outros em áreas cosméticas, fábricas de colchões, farmácias de manipulação então era sempre uma troca de figurinhas.

Confesso que no princípio não sei porque, o meu pai me matriculou para fazer um curso técnico e ainda mais de química, gente quem gosta de química aos quatorze anos? Fala sério né!

Deixa eu me explicar, pois vocês vão estar pensando que a gente geralmente começa o segundo grau aos quinze anos, mais como já viram, minha vida não é muito normal. Mas hoje com certeza eu agradeço ao curso técnico, como não podia na época fazer faculdade, eu tinha uma profissão. Cresci muito com ela, aprendi demais. Hoje eu sempre recomendo a qualquer um o segundo grau técnico, mesmo que essa pessoa tenha a condição financeira de fazer uma faculdade. Meu filho começou este ano o segundo grau técnico e está reclamando igual a mim na época, mas achei a melhor opção. Está no primeiro ano do curso técnico de informática e na mesma escola em que eu cursei.

Então, como eu disse, o curso técnico fez diferença e já começou a partir do estágio, pois comecei a ver a química com outros olhos. Pois ver as coisas acontecerem diferente das reações por vezes chatas dos livros, foi me fazendo ganhar gosto pela matéria. Como estagiária, a gente, lógico começa com pequenas coisas que hoje sei que fazem total diferença nos processos. Como pesagem de amostras, padrões, fazer pastilhas, medições de PH, extrações.

Comecei minha vida profissional na área de mineração que eu realmente adoro e sinto falta, eu trabalhava com espectrofotometria de \*absorção atômica e \*ICP(Espectro de Plasma), esse segundo em dosagens muito baixas a níveis de ppb e a absorção atômica a níveis de ppm. Na dosagem de elementos no minério. Na verdade a empresa demarca algumas áreas, alguns pontos, e são feitos furos que são nomeados e mapeados como intuito de achar algo específico que já foi pré-determinado por geólogos e engenheiros de Minas que estudaram o local.

Fiquei por três anos dentro da Vale nessa área, depois do meu estágio trabalhei por empreiteiras prestando serviços a Companhia. Quando encerrei esse ciclo da minha vida fiquei um tempo fora da área. Mais não parada, sabem a lojinha que eu comecei aos 16 anos, ela tinha crescido e a dona que se transformou em minha

amiga precisava de ajuda, pois, esperava seu segundo filho e lá fui eu. Por alguns meses e em meio a algumas entrevistas voltei a química.

Em algo totalmente novo; da mineração para patologia clínica. Em 1995 ingressei em um dos maiores laboratórios de Patologia da América Latina o Hermes Pardini, onde fui conhecer a Cromatografia Líquida. Do minério ao material biológico meu mundo começava do zero, mais foi brilhante.

O medo do novo e ao mesmo tempo a vontade de aprender e as chances de crescer, libera uma adrenalina que nos impulsiona. Na época e também hoje em dia o Laboratório Hermes Pardini detêm uma gama de equipamentos de ponta, então o volume de trabalho era imenso, pois, os laboratórios pequenos fazem as coletas(exames) e o Pardini entra como uma parceria e analisa essas amostras numa espécie de convênio com os laboratórios associados. Então por cromatografia líquida são exames bem específicos.

E o tempo passou, foram seis anos no laboratório, onde com certeza aprendi demais não só na área da química; pois peguei um momento onde mudanças estavam sendo implementadas nas empresas o 5S, as certificações ISO 9001...então fiz vários cursos como de 5S, auditoria interna, análises de risco, relações interpessoais. Depois de muito trabalho e organização ver a “Empresa” ser certificada o que exigiu muito investimento, esforço de cada um dos colaboradores foi maravilhoso. Me lembro daquele dia, no final da auditoria o resultado positivo e a grande festa que nos foi ofertada como agradecimento. Hoje quando vejo o nome do laboratório fico feliz e sinto saudades pois sei que fiz parte dessa história.

E logo depois desse capítulo senti que era hora de enfrentar o mundo, estava com aproximadamente 24 anos, larguei tudo e fui embora para os Estados Unidos, eu tinha um namorado que tinha ido tentar a vida lá e como já tínhamos alguns anos de namoro resolvi ir também. Confesso a maioria só pensa, nossa vou ganhar em dólares e faz a conversão para o real que maravilha!! Foi um aprendizado muito grande e financeiramente não posso reclamar.

Convivi com pessoas de vários países, pois são muitos imigrantes mexicanos, haitianos, italianos, chineses e claro muitos brasileiros. São várias histórias de vidas entrelaçadas num só objetivo, alcançar uma vida melhor.

Da química para faxina, lá fui eu, nunca tive medo de pegar no pesado e bota pesado nisso. Lógico, muitas vezes dependendo da situação, muita humilhação. O imigrante passa por tantas coisas, muitas vezes a gente chora e se questiona o que eu estou fazendo aqui?

Uma vez fui limpar uma casa, neste dia eu estava sozinha, são casas lindas e cozinhas maravilhosas, mas às vezes de uma sujeira indescritível. Gente tinha uma pedra linda que era como se fosse nossa tábua de carnes aqui no Brasil. Misericórdia, debaixo daquilo tinha tanta larva, que eu não sabia se tinha ânsias de vômito ou chorava. Bom, joguei um litro de cloro naquela pia e fui jogando aquilo tudo dentro da pia e liguei o triturador. Esse foi um dos dias que me questionei, porquê eu estou aqui?

Relativamente com algum estudo, pois tinha um curso técnico, muitas vezes eu pensava se precisava mesmo passar por aquilo, a saudade da família, de coisas que a gente só da valor quando não tem por perto, a nossa pizza, o pão francês, a coxinha o guaraná Antártica. São pequenas coisas que lembram o sabor de nossa terra. Claro, hoje existem supermercados e padarias com produtos brasileiros e de várias nacionalidades mais há vinte anos atrás era muito difícil achar algo desse tipo. Mais uma coisa que sempre me fazia feliz era ler e relembrar do poema “Canção do Exílio”. (Dias; Gonçalves, 1846).



Figura 1

Eu realmente queria concluir em algum momento essa etapa da minha vida e retornar ao meu país.

Depois desse período de trabalhar em faxinas, resolvi aprender inglês e partir para coisas um pouco melhores, então, trabalhei em um MC Donalds onde fazia 40 horas semanais e no KFC(Kentucky Fried Chicken) eu fazia de 32 a 36 horas semanais. Onde muito me apoiaram me reembolsando e impulsionando a continuar o curso de inglês que na época fiz pela Wizzard. Nesse segundo me tornei supervisora responsável por uma loja em um determinado turno.

O tempo foi passando e percebi que eu me aproximava dos 30 anos, meu relacionamento era estável e eu queria ser mãe. Disso eu tinha certeza, então engravidei. Trabalhei durante todo meu período gestacional, claro tive que diminuir as horas mais mantive os dois empregos até a última semana. Meu filho nasceu na cidade de Boston-Massachusetts em pleno inverno do ano de 2006. Um dia cinzento e com muita neve, Christopher veio ao mundo.

Fiquei por mais algum tempo lá, exatamente 9 meses e percebi que aquela experiência pra mim tinha chegado ao fim. Achei que era importante para mim que os meus pais pudessem aproveitar desse tempo como novo netinho, embora já tivessem um. Sempre fui muito apegada a família e queria que desde cedo meu filho aprendesse e desfrutasse disso.

De volta ao Brasil, mais um recomeço. Colocar documentações em dia, um lugar para morar e lógico reingressar ao mercado de trabalho.

Tinha um curso técnico, bastante bagagem cultural, inglês fluente, mais é como se eu tivesse sido apagada deste mundo.

E confesso, voltar ao mercado depois de sete anos, foi mesmo um desafio. Porque tudo que eu tinha aprendido tinha mudado, se modernizado. Os gráficos de um cromatógrafo líquido que antes eram traçados por um integrador e folhas contínuas agora são traçados e todos os cálculos feitos por softwares. Tive que me reciclar, me re-inventar. Foram três anos e meio para conseguir voltar ao mercado de trabalho dentro da minha área, a Química.

E foi um recomeço mesmo, porque apesar de toda experiência comecei com um salário de júnior, pois, eu tinha que aprender como usar toda aquela tecnologia. Muitos cursos, pessoas amigas e pacientes me dando apoio e suporte e voltei a crescer profissionalmente. Eu estava de volta ao jogo e agora numa área bem distinta a tudo que eu já tinha trabalhado, a indústria Farmacêutica.

Hoje estou a dez anos nesta área. Comecei trabalhando com Controle de Qualidade de medicamentos e agora faço parte da equipe (P&D) Pesquisa e Desenvolvimento de uma empresa voltada exclusivamente para linha de medicamentos injetáveis e hospitalares.

#### **4. Considerações Finais:**

Após passar por tudo isso, sei que cresci muito profissionalmente, mais algo vinha me incomodando pois sempre tive muito a vontade de fazer um curso superior. Mais até então não tinha tido as condições favoráveis a isto e sempre protelei.

O tempo foi passando e se tornou mesmo uma feridinha que precisava ser tratada. Meu ego estava ferido, percebi que colegas muito mais novos e sem experiência alguma, passavam por mim, como estagiários e conseguiam cargos que sobrepujam o meu, simplesmente porque tinham um curso superior. E isso começou a me incomodar, pois, estava vendo como todo mundo se aproveitava da minha experiência para crescer enquanto eu com todas as vantagens não as utilizava.

Então, mesmo sabendo que não seria fácil resolvi encarar o curso. No princípio as matérias básicas estudadas praticamente a vinte anos atrás foram um desafio. Provas substitutivas, tempo curto pra estudar, mais fui vencendo etapa, após etapa e consegui chegar até aqui as portas da graduação. Agradeço aos professores pela paciência a responder perguntas que realmente poderiam parecer tolas mas para mim eram grandes obstáculos.

Sugiro a todos que tenham um sonho, por mais pequeno que o ache, sonhe-o...deixe-o florescer, crescer, pois se um pode, você também pode. Educação é um direito de todos e ela faz toda diferença na sua vida, na de todos, ela faz a diferença de uma Nação.

O que estamos plantando agora levará um tempo para crescer, mais vamos saber que está crescendo com raízes sólidas e isso é a base para que tenhamos a certeza que não será qualquer ventinho que irá nos derrubar. No meu caso que termino o meu curso superior aos quarenta e sete anos, sei que ainda posso agregar meus conhecimentos a essa nova geração, contribuindo com o crescimento profissional e pessoal, mesclando o melhor de cada geração em prol de um futuro melhor.

**Referências Bibliográficas:**

Portela, Patrícia Oliveira. **Apresentação de trabalhos acadêmicos de acordo com as normas de documentação da ABNT: Informações Básicas**, Uberaba, 2019.

Disponível em: <[https://www.uniube.br/biblioteca/novo/trabalhos\\_academicos.php](https://www.uniube.br/biblioteca/novo/trabalhos_academicos.php)>

<https://www.linkedin.com/in/ellen-santos-65420672>